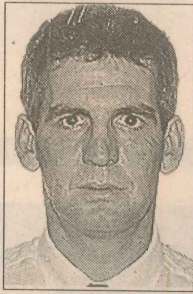


# O desafio urbano de Vitória

Douglas Cerqueira

É plenamente justa, necessária e um grande desafio a intenção do futuro prefeito da Capital de atuar econômica-social-habitacional-urbana e ambientalmente



nas áreas de baixa renda que dominam os morros de Vitória. Fica evidenciada a continuidade da vontade política, por parte do poder municipal, de enfrentar a questão em sua raiz com reflexo global em todo o contexto que envolve o assunto.

No entanto, esta é uma questão bastante complexa que resulta de meio século de acúmulo de problemas urbanos no Brasil. Para tal não basta uma vontade política isolada. É preciso uma intervenção decidida e continuada em tempo e no espaço que faça frente a todos estes anos de atraso, desigualdades, exclusões, desordem urbana e ambiental, para não expandir ainda mais a violência urbana.

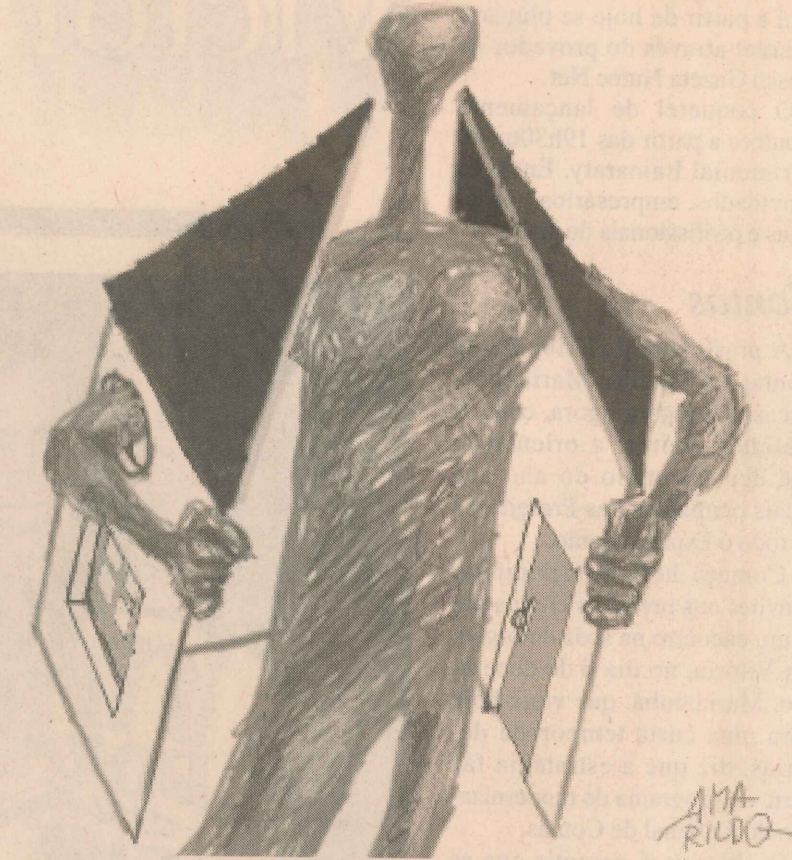
Numa projeção otimista, esta intervenção vai exigir, no mínimo, mais três administrações para que se chegue a um denominador comum e controlável, depois que o mais novo tucano pousar nos morros e der partida ao processo.

A meta inicial para os próximos quatro anos, segundo intenção expressa por Luiz Paulo Vellozo Lucas, é deixar estas áreas em condição física urbanística similar à alcançada até agora pelo projeto de urbanização do Bairro de São Pedro, objeto de merecido reconhecimento pela ONU, que já consumiram dois períodos de administração, mas que ainda carece de novas e significativas intervenções para se atingir o ápice de um plausível modelo de recuperação de área urbana degradada.

A semelhança existente entre o Projeto São Pedro e o Projeto Terra (nome de batizo do projeto de intervenção nos morros) é o trato direto com a pobreza que assola estas áreas e a continuidade política de atuação da administração para enfrentar a questão. Valendo destacar que urbanizar uma área plana não é o mesmo que urbanizar uma área de morro com acentuada e irregular declividade topográfica.

Assim, o Projeto São Pedro é, sem dúvida, um modelo de intervenção urbanística de destaque, mas que necessita de uma devida avaliação para poder contribuir e orientar tecnicamente a atuação nos morros.

Se é esta a política que o novo prefeito pretende seguir e desenvolver, é necessário avançar no



que foi realizado, até agora, e se valer de boas experiências anteriores locais ou não para poder chegar ao sucesso técnico e social esperado pela intervenção nos morros de Vitória, sem paliativos.

A questão básica e desafiadora desta intervenção é o fato de se tratar de áreas de morro com todo tipo de dificuldades e com uma problemática "sui generis", que vai mais além do que a vã imaginação possa alcançar. Principalmente, no que diz respeito às formas particulares dos assentamentos e do movimento de terra executado para implantação das habitações existentes.

As formas espontâneas de urbanizar e construir casas se impuseram aos "trancos e barancos", sem promotor imobiliário nem especialistas na matéria (engenheiros, arquitetos, geotécnicos, etc). São urbanizações e habitações autoconstruídas por seus usuários, segundo ritmos e taxas de esforços individuais dentro da capacidade e espírito de criação da arquitetura e engenharia popular. São os colonizadores urbanos contemporâneos.

Nas áreas dos morros de ocupação ilegal e desordenada é óbvia a inexistência de um traçado urbano prévio e a extrema dificuldade de se implantar um novo, pois este, necessariamente, tem que adotar padrões fora do comum que a teoria do ur-

banismo clássico não privilegia. Cada metro quadrado "horizontal e vertical" é uma situação diferente que requer uma resposta técnica adequada, sem perder de vista o projeto social-humano global.

A organização territorial resultante nestes morros é a ausência total de uma viabilidade mínima adequada, pois, no interior dessas áreas, o movimento se faz por onde se pode e não por onde se quer. Conseqüentemente, dotar essas áreas de serviços e equipamentos urbanos constitui um desafio que exige muita criatividade de todos os implicados na busca de soluções adequadas. É um "quebra-cabeça chinês" onde a falta de viabilidade básica cria efeitos adversos. Depara-se, a cada instante, com várias adversi-

dades superpostas, onde só a boa intenção política não basta para controlar o processo. É preciso lançar mão de todo tipo de técnica conhecida e por conhecer que possam abranger várias instâncias do saber, tanto do ponto de vista do poder público como da comunidade científica multidisciplinar.

Atuar convenientemente nestas áreas passa por assumir e valorizar o que já existe, mesmo que precariamente construído pelos indivíduos que aí habitam. Este, necessariamente, tem que ser o ponto de partida e, para tal, é imperativo encontrar "fatores sinérgicos" entre o

morador, a administração pública e profissionais técnicos de todas as áreas do conhecimento.

No crescimento desordenado destas áreas se evidencia um processo construtivo que pode ter variações no resultado, o qual depende do tipo de apropriação dos terrenos, o emprego e a recodificação das técnicas construtivas dominantes e o esforço econômico de uma população que não tem acesso ao sistema financeiro habitacional vigente. O poder público é o tutor da política urbana, o qual deve atuar diretamente no que lhe diz respeito, além de facilitar, promover e incentivar o capital privado imobiliário a ocupar espaço neste mercado de grande demanda. Afinal o déficit habitacional, tanto nacional quanto estadual e municipal, é bastante alto e o retorno econômico e social possível neste mercado é, também, bastante considerável.

Em sendo assim, três pontos importantes devem ser considerados: dominar o processo pelo qual cada um dos diferentes morros, com diferentes condições, aumentam a densidade habitacional, reverter o processo pelo qual se faz quase perene a irregularidade na ocupação de lotes urbanos e assessorar tecnicamente o processo de produção, ocupação e acondicionamento dos mesmos cuja tecnologia utilizada nestes casos é bastante atrasada e em muitos casos até primitiva, o que contribui para o desgaste físico, social e psicológico dos moradores destas áreas e da cidade como um todo, ou seja, direta e indiretamente.

Assim, diante da complexidade da questão, se o tucano conseguir alcançar um resultado no projeto de intervenção nos morros ao nível do alcançado no projeto São Pedro, mesmo considerando as peculiaridades de cada uma das intervenções e situações, não resta dúvida que, depois do pouso nos morros, ele levantará vôo com uma autonomia que o levará a destinos gloriosos e não só terá revolucionado a cidade de Vitória, mas também contribuído consideravelmente para a teoria do urbanismo. Passará à história numa posição de destaque.

É só estar atento e consciente de que o desafio é imenso, complexo, difícil tecnicamente, mas não é impossível. Mesmo porque, tudo que é pensável é também executável. E mais ainda, quando existem vontade política e condições econômicas, que são determinantes neste tipo de ação, para apostar no sucesso do projeto, o reconhecimento se dará pelo povo com a desejada melhoria global da qualidade de vida da cidade, onde todos possam orgulhar-se de que "mora melhor quem mora no morro". É esperar para ver a altura do vôo.

Douglas Cerqueira é arquiteto